



PERCURSOS FORMATIVOS E ATUAÇÃO DOCENTE

GT 8: EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Trabalho completo

Frederico Trindade TEÓFILO (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

e-mail fredericofdb@gmail.com

Gladys Denise WIELEWSKI (Docente do PPGE/UFMT/Cuiabá/Mato Grosso)

e-mail gladys.wielewski@ufmt.br

Resumo

Objetiva-se com este artigo abordar os percursos formativos docentes compreendidos pela formação inicial, formação continuada, possíveis inserções em programas como residência pedagógica e PIBID, a presença de professores pesquisadores no ambiente escolar e como se dá a atuação docente. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo exploratório, buscando aportes teóricos que fundamentem esta temática. A pesquisa mostra que a atuação docente exige contínua formação de caráter pedagógico, teórico e didático, visando aprimorar a profissão docente e conseqüentemente a aprendizagem discente.

Palavras-chave: Formação inicial. Formação continuada. Atuação docente.

1 Introdução

Busca-se neste artigo abordar os percursos formativos e a atuação docente, para isso são trazidos à baila alguns dilemas sobre a formação inicial e continuada, bem como sobre a dificuldade de haver professor pesquisador. Afinal, o que é ser professor? Quem é esse professor? Que saberes possui? Que sentimentos o acompanha? Que dilemas enfrenta? Que perspectivas têm? São apenas algumas indagações sobre este agente que exerce um papel de suma importância no desenvolvimento de pessoas e conseqüentemente da sociedade.

Para Nóvoa (2017) o conceito de ser professor perpassa o espaço profissional, adentrando no espaço público e social. Ser professor é estar inserido em um contexto de participação e edificação de políticas públicas. É atuar não somente como mero servidor, mas sim como um profissional crítico, que se posiciona e interpela por transformações no cenário educacional.

Na concepção de Candau (2014), professores exercem um papel sociocultural, que mobiliza o crescimento pessoal e social dos seus alunos. Concebe ainda, que o professor “[...] é um mediador na construção de relações interculturais positivas, o que não elimina a



existência de conflitos” (Candau, 2014, p. 40). Ser professor, portanto, se configura como um ser social, dinâmico, que muda constantemente e que provoca mudanças.

Ser professor envolve conhecimentos específicos, mas também práticas de ensino. Roldão (2007) aponta que os diversos conhecimentos do docente são úteis desde que transformem, integrando-se uns dos outros. Roldão apregoa que conhecer teorias pedagógicas ou didáticas e aplicá-las, não é suficiente se não houve uma ação transformativa; esta constituída pela transformação do conteúdo científico e do pedagógico-didático.

2 Percursos formativos docentes

A trajetória formativa é constituída ora por caminhos lineares, ora por caminhos sinuosos. Professores em carreira inicial geralmente são diferentes daqueles mais experientes, que por sua vez são diferentes daqueles que já estão prestes a se aposentarem. Embora cada professor tenha sua singularidade, a construção docente deste aconteceu por meio da interação com outros docentes. Como o próprio Nóvoa (2019, p. 14) preceitua “[...] Ninguém se torna professor sem a colaboração dos colegas mais experientes”.

Podemos classificar três importantes percursos formativos docentes, a saber: a formação inicial, a residência pedagógica e/ou estágio e a formação continuada. Os três fazem parte da formação docente e esta é um processo inacabado; ainda bem! Pois a Educação é dinâmica, e os que fazem parte dela também devem ser.

O verbete *formar* significa tomar forma, estruturar-se. Assim se concebe a ideia de formação docente; um ser que nunca está pronto, mas que toma forma de tempo em tempo, mediante as vivências, as interações, o contato com conhecimentos científicos e pedagógicos. Um docente nunca é o mesmo de quando começou a carreira, é um ser que se constrói, estruturante.

A ação de ensinar, na concepção de Roldão (2007), decorre do saber profissional, e este, acontece por meio da formação, que traz em seu bojo o “[...] princípio da teorização, prévia e posterior, tutorizada e discutida, da ação profissional docente, sua e observada noutros” (p. 101). É na formação, portanto, que o docente se constrói; prévia, porque garante as bases epistemológicas, os contatos iniciais com os teóricos da educação, os primeiros conhecimentos científicos que darão sustentação aos demais conhecimentos; posterior, porque a formação nunca se esgota, e o trabalho docente exige constantes atualizações de cunho pedagógico, teórico, prático, político e sociocultural.



Candau (2014) afirma que o educador deve ser um agente sociocultural nos cursos de formação inicial ou continuada, pois isto é fundamental para a reinvenção da escola e “[...] formação de novas identidades e mentalidades capazes de construir respostas, sempre com caráter histórico e provisório, para as grandes questões que enfrentamos na atualidade” (Candau, 2014, p. 41).

3 Formação inicial docente

É possível que o percurso formativo se inicie antes do ingresso na graduação, pois primeiramente, há uma escolha de curso para se inscrever. Esta escolha pode ser realizada por diversos motivos. Independente dos motivos, houve uma escolha e ali cria-se uma expectativa sobre o curso e o percurso a ser seguido. Chega o dia do ingresso, começa-se o curso, no qual tudo é novo: professores, colegas, matérias, conteúdos. Com o passar dos semestres, surgem novas visões sobre o curso, sobre as possibilidades profissionais, sobre as formas de atuação. É possível também surgirem dúvidas, dilemas, conflitos, pois a participação no estágio pode provocar os mais variados sentimentos e apreensões. Além desses impasses de caráter pessoal, outros fatores têm afetado a formação inicial.

Segundo Gatti (2014), vários são os problemas na formação inicial no Brasil. Gatti aponta que decretos, embora importantes, não são suficientes para mudar impasses historicamente construídos. Destaca-se assim a atuação da própria universidade, que, em determinados aspectos mantém hábitos arraigados, sem abertura para a inovação. Na visão de Barreto (2015, p. 687) “[...] nos modelos de formação de professores prevalecem arquétipos que remontam aos períodos fundacionais dos sistemas de ensino e explicam a permanência de desequilíbrios históricos na composição dos currículos das licenciaturas”. Há tímida iniciativa para adequação dos currículos às necessidades de ensino. Nóvoa (2017, p. 1112) diz que “[...] a formação de professores é um problema político, e não apenas técnico ou institucional”. Gatti (2014, p. 35) anui que “[...] a formação de professores tem sido um grande desafio para as políticas educacionais”. Há problemas na política de formação inicial, principalmente nos níveis iniciais. As necessidades da educação escolar são incoerentes com as políticas ofertadas.

Um dos dilemas no processo educativo é a atuação de professores em diferentes áreas da sua formação inicial. Embora a oferta de vagas nas licenciaturas tenha sido ampliada, o número de ingressos não se mostra proporcional, além disso, muitos que se formam acabam evadindo-se da escola (Araujo; Vianna, 2011). Uma das metas do Plano Nacional de



Educação - PNE (2014-2024) (Brasil, 2014) é justamente assegurar aos docentes que possam ter formação específica por meio de curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam. Estamos próximos do vencimento da proposta do PNE, mas longe de se concretizar esta meta.

3.1 Residência pedagógica e PIBID

Duas iniciativas muito importantes para a formação inicial docente implementadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES são: o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBID e o Programa de Residência Pedagógica. O PIBID é um programa voltado à valorização da formação docente, e concede aos licenciandos bolsas para participarem de projetos de iniciação à docência, por meio de parcerias entre as universidades e as escolas públicas (Barreto, 2015). O PIBID, de acordo com o Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010, visa dar qualidade ao processo formativo, melhorando o desempenho da educação básica e tem como objetivos:

- I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- II - contribuir para a valorização do magistério;
- III - elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- IV - inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- V - incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e
- VI - contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (Brasil, 2010).

No caso da Residência Pedagógica, obedecendo a certos critérios, o acadêmico selecionado tem a oportunidade de experimentar vivências na escola. Os objetivos do Programa Residência Pedagógica são muito pertinentes e constituem-se como ótimo veículo de ingresso e permanência para o docente recém-formado. São eles (Brasil, 2018):

1. Fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura;
2. Contribuir para a construção da identidade profissional docente dos licenciandos;
3. Estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas na formação inicial de professores;
4. Valorizar a experiência dos professores da educação básica na preparação dos licenciandos para a sua futura atuação profissional;
5. Induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula.



A Residência Pedagógica é um mecanismo que liga a universidade à escola por meio de seus residentes, garantido condições para o diálogo, o desenvolvimento de projetos e de pesquisas.

4 Formação continuada e atuação docente

O PNE (2014-2024) (Brasil, 2014) prevê a garantia de formação continuada na área de atuação, em conformidade com as necessidades, demandas e contextos do sistema de ensino. Sendo um documento oficial, é dever do Estado garantir este direito aos docentes. É questionável, contudo, a forma como esta formação continuada acontece de fato dentro das escolas (ou fora delas), levando em consideração que a modalidade on-line, por meio de plataformas virtuais tem ocupado grande espaço na formação continuada.

Para Nóvoa (2019), na formação de professores, em vez de trabalhar tópicos de conhecimentos e competências desejáveis à profissão docente, a atenção deve ser voltada à construção da identidade profissional, valorizando o percurso no íntimo da profissão docente. Nóvoa defende a necessidade de haver nas universidades “[...] uma casa comum da formação e da profissão” (Nóvoa, 2019, p. 8), de maneira que professores e escolas estejam ligados à universidade. Um espaço democrático, onde os conhecimentos científicos das disciplinas e os conhecimentos em Educação poderiam ser discutidos e aprendidos. Esta casa comum seria um local não apenas de formação docente, como também de valorização da profissão docente.

Os docentes lotados nas escolas e que estão no stricto sensu são um ótimo elo entre escola e universidade. Sua presença em ambos os ambientes promovem a interlocução das demandas formativas e o fomento de pesquisas voltadas às reais necessidades educacionais. São estes profissionais que precisam ocupar os espaços de formação continuada nas escolas, pois são observadores e partícipes dos dilemas escolares. A presença destes profissionais pode estabelecer pesquisas colaborativas, que trarão grandes contribuições para as práticas educativas.

O ofício do professor é ensinar. Sem a ação de ensinar, perde-se o sentido político do ser docente, culminando em um esvaziamento (Gomes et al, 2023). Ensinar implica que existe alguém que aprende, portanto, é relacional, é interativo, é dialético. Este ensinar, contudo, precisa ser revestido de sentido, de propósito, de modo que o trabalho docente seja eficiente, resultando em aprendizagem discente.

Considerando o fato de que na atualidade a informação está cada vez mais acessível, Roldão (2007) declara que ensinar vai muito além de transmitir saberes. O ensinar está



impregnado de razões sócio-históricas. Roldão caracteriza a função de ensinar como “dupla transitividade” e “mediação” (p. 95). A dupla transitividade refere-se ao ensinar, no sentido de fazer aprender alguma coisa; este ensinar acontece na segunda transitividade, que é o destinatário da ação; o receptor, portanto, também realiza ação, a ação de aprender.

Com relação aos saberes, Conceição e Sousa (2012) declara que o professor não só domine estes, no sentido estrito de ensinar, como também os conceitos, e desta forma, transforme estes conhecimentos em objetivos de aprendizagem.

Gomes et al (2023, p. 11) mencionam que “[...] O professor se realiza quando percebe as transformações que o ensino, intencionalmente, provoca no aluno e em si mesmo.” A atuação docente exige constantes atualizações. O docente que estaciona em sua prática, não está apto a exercer o papel profissional que sua função exige. Por outro lado, professores precisam encontrar oportunidades de aperfeiçoamento profissional, e isto decorre das ofertas dos órgãos institucionais educacionais.

Infelizmente a atuação docente é questionada por várias instituições, desde as de controle até as familiares. O fracasso escolar é um triste julgamento atribuído aos docentes, principalmente nas últimas décadas (Garcia, Hypolito, Vieira; 2005). O baixo desempenho dos estudantes em testes nacionais e internacionais é atribuído aos docentes (Candau, 2014).

4.1 Qualificação profissional

As constantes mudanças no cenário social e educacional exigem um aprimoramento profissional docente. Este aprimoramento acontece por meio da qualificação profissional. A qualificação no âmbito educacional difere de outras áreas, em que se procura a qualificação para atender postos de trabalho. Na educação, a qualificação profissional está intimamente ligada à aquisição de conhecimentos teóricos que refletirão em melhores práticas.

A qualificação profissional docente garante a real mudança de paradigmas. Gatti (2014, p. 43) denuncia que “[...] Reformas ou inovações na educação escolar básica não ganham fôlego, não se realizam, sem a participação qualificada de professores”. A qualificação profissional garante a riqueza do trabalho educacional, conseqüentemente da aprendizagem discente. Por meio dela, todos saem ganhando, o docente, os discentes, a escola, a comunidade.

A qualificação profissional impulsiona o docente a ser um pesquisador. Um pesquisador na escola faz dela um verdadeiro laboratório, de onde emanam dados riquíssimos para a pesquisa.



Concepções tradicionais comunicam que pesquisadores desenvolvem e validam inovações educacionais, enquanto professores somente as aplicam; nessa concepção, os pesquisadores têm a solução e os professores a utilizam (Nunes, 2008). Dessa forma, o professor é reduzido a um simples consumidor do produto criado pelo pesquisador. Deveras é fato que o professor em sala de aula está diante de uma série de variáveis, que ele geralmente não se dá conta. Falta neste professor, o olhar aguçado da pesquisa, aquele que vê oportunidades de se realizar pesquisas diante de práticas, de acontecimentos, de comportamentos, de atitudes tanto discentes quanto docentes.

Diniz-Pereira (2002) apresenta em sua pesquisa, diversos modelos de formação docente, mas o que chama atenção em seu texto é a atuação dos educadores-pesquisadores, sob a égide da pesquisa-ação, na qual, o pesquisador, que também é professor, utiliza a própria sala de aula ou mesmo outro espaço escolar para desenvolver sua pesquisa.

A presença de professor pesquisador nas escolas ainda é raridade. Conceição e Sousa (2012, p. 82) declaram que “[...] os professores que outrora tinham como principal papel ensinar, são agora confrontados com novos papéis”. Além das crescentes demandas pedagógicas, tem crescido também obrigações burocráticas, comprometendo o tempo para pesquisa. Estas demandas não são os únicos entraves à pesquisa no ambiente escolar; o hábito da pesquisa raramente é estimulado e discutido nas formações continuadas. Projetos e programas do governo consomem o tempo que poderia ser utilizado para o desenvolvimento de pesquisas.

Nunes (2008) aponta alguns dilemas sobre a capacitação de professores para realizarem pesquisas em sala de aula, são eles, a carga de trabalho, o pouco incentivo da parte dos gestores, pouca oferta de cursos de pesquisa em programas de formação de professores, o distanciamento entre professores e pesquisadores e a falta de financiamento.

A formação inicial também peca por não discutir com mais veemência a necessidade de se desenvolver pesquisas na escola. Neste cenário denso, quem geralmente está envolvido com pesquisas no âmbito escolar são docentes que estão cursando *stricto sensu*.

A pesquisa com professores e por professores se faz necessária, pois o professor é o principal canal de informações sobre o ensino e a aprendizagem. É ele também a principal fonte de coleta de dados que subsidiam informações mais assertivas sobre a aprendizagem dos estudantes. Interessante mencionar a fala de Nunes (2008, p. 105) na qual diz

Na medida em que o professor torna-se pesquisador de sua própria prática, é desfeita a hierarquização do saber entre a universidade e a escola. Neste modelo, o professor não mais se restringe ao papel de fornecedor de dados que vão contribuir para o trabalho de outros pesquisadores, mas está envolvido, de forma crítica, nas diversas



fases da pesquisa, desde a identificação do problema até a disseminação dos resultados.

Nesta perspectiva, evidenciamos a necessidade de estimular os docentes a realizarem pesquisas em sala de aula, visto ser um ambiente fértil, onde se produzem dados e extraem-se resultados. O professor pode ter uma relação simbiótica com o pesquisador, mas também, o professor pode ser ele mesmo o pesquisador, desde que busque o rigor metodológico para validação de sua pesquisa.

5 Considerações finais

Os percursos formativos docentes são muito mais densos que as abordagens aqui realizadas. Trata-se de uma temática que merece mais pesquisas, no intento de conhecer as nuances profissionais, as identidades docentes e conhecer os diversos perfis de professores.

São necessários movimentos que mostrem os percursos formativos docentes, seus dilemas, suas angústias, suas aspirações. O docente não pode levar a culpa sozinho sobre o fracasso escolar, faz-se necessário apontar quais são de fato os fatores que comprometem o baixo desempenho discente.

De acordo com o texto do Plano Nacional de Educação, a formação inicial não precisa necessariamente de mais políticas públicas, mas sim, que se cumpra o que já está estabelecido no PNE. Da mesma forma o PIBID e a Residência Pedagógica, são programas que precisam ser ampliados nas universidades, de forma a contemplar um maior número de acadêmicos. Trata-se de programas muito eficazes para a permanência do estudante na licenciatura e futura investidora na docência.

A formação continuada precisa ser fortalecida e reivindicada nos espaços escolares. É ela que garante o aperfeiçoamento pedagógico, munida de teoria e prática. Por meio dela os docentes ficam sempre atualizados sobre as mudanças educacionais e atentos a adequar-se às novas tendências na Educação.

A atuação docente está atrelada à formação. Ela se constitui de toda a trajetória formativa percorrida pelo docente. E, por isso, faz-se necessária a manutenção da formação continuada na carreira profissional docente.

A culminância deste artigo se dá com um apelo, para que professores sejam também pesquisadores, pois por meio dessa iniciativa, o docente perceberá o potencial que tem para transformar sua atuação em ação, suas práticas em dados, seus resultados em constatações. O



professor-pesquisador se sentirá valorizado em poder contribuir com a Ciência por meio de suas produções.

À guisa de esclarecimento sobre as questões iniciais e com base nas reflexões teóricas trazidas no texto podemos arguir: afinal, o que é ser professor? É um ser constructo, permeado de saberes passados, presentes e futuristas. Quem é esse professor? É um ser humano, que tem sentimentos, frustrações e sonhos. Que saberes possui? Muitos, de natureza científica, pedagógica, didática, experimental, sociocultural. Que sentimentos o acompanha? Medos, alegrias, mas talvez esperança possa ser um dos principais, pois sem esperança, o trabalho docente seria importuno. Que dilemas enfrenta? São vários, dentre eles a desvalorização tanto profissional quanto salarial e também as limitações impostas pelo sistema educacional. Que perspectivas têm? Sempre espera que surjam melhores políticas de valorização profissional e condições de trabalho.

Referências

ARAUJO, Renato Santos; VIANNA, Deise Miranda. A carência de professores de Ciências e Matemática na educação básica e a ampliação das vagas no ensino superior. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 17, n. 4, p. 807-822, 2011.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Políticas de formação docente para a educação básica no Brasil: embates contemporâneos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 62, p. 679-701, 2015.

BRASIL. **Decreto nº 7.219**, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid e dá outras providências. Brasília/DF, 2010.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: [Programa de Residência Pedagógica — CAPES \(www.gov.br\)](http://www.gov.br). Acesso em: 05 dez. 2023.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024**: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**, Porto Alegre, v. 37, n.1, p.33-41, 2014.

CONCEIÇÃO, Cristina; SOUSA, Oscar de. Ser professor hoje. O que pensam os professores das suas competências. **Revista Lusófona de Educação**. 2012, (20), 81-98. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34923271006>.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A pesquisa dos educadores como estratégia para construção de modelos críticos de formação docente. In: DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; ZEICHNER,



SemiEdu 2024

FORMAÇÃO DE PROFESSORES
EM FOCO: DESAFIOS E
PERSPECTIVAS

Kenneth M. A pesquisa na formação e no trabalho docente. Belo Horizonte, **Autêntica**, p. 43 a 66, 2002.

GARCIA, Maria Manuela Alves.; HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, 2005.

GATTI, Bernadete Angelina. A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. **Revista USP**, São Paulo, n.100, p.33-46, 2014.

GOMES, Valdete Aparecida Fernandes Moutinho; LUCINDO, Nilzilene Imaculada; SILVA, Kátia Curado Pinheiro da; NUNES, Célia Maria Fernandes. A relação entre a função docente e o reconhecimento social dos professores. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 20, p.1-18, 2023.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v.47, n.166, p. 1106-1133, 2017.

NÓVOA, António. Os professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n.3, p. 1-15, 2019.

NUNES, Débora Regina de Paula. Teoria, pesquisa e prática em Educação: a formação do professor-pesquisador. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 97-107, 2008.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, 2007.

Realização

